

RECENSÃO

“Sobre Alguns Reflexos de Lágrimas Paradas a Meio do Rosto”, por Vítor Oliveira Jorge, com fotografias de Danilo Pavone, Porto, Edições Afrontamento, 2004.

tudo tão irreal
tão nu, tão corpóreo,
que o texto gostaria de sair
de dentro de si mesmo,
e segregar um caule rugoso
cheio de seiva,
um ramo decorativo
e iluminado;

ou um cacto,
um espinho,
uma tela para onde caísse
um pingo de cor,
uma obra muito simples,
mas onde quem escreve
tivesse a ilusão
de verter um pouco
de si, com sofrimento.

finalmente, talvez surgisse
a nostalgia
do acontecimento. (p. 53)

A palavra “nostalgia” evoca, na cultura ocidental, antiquíssimas tradições literário-filosóficas. A etimologia grega sugere “regresso” (*nostos*) e “dor” (*algos*): a nostalgia é a dor, o sofrimento causado pelo desejo de retorno – ou melhor, pela consciência da impossibilidade desse regresso. É, pois, o perpétuo desconforto de não nos sentirmos em casa, de não habitarmos os nossos desejos – o sentido de exílio no tempo em que vivemos, nos espaços que cruzamos, no corpo que nos aprisiona. Como sugere Heidegger, a nostalgia define paradoxalmente o modo como o homem moderno, consciente do seu exílio e da sua finitude, *habita* o mundo. Mas o “problema da habitação” (para recuperar um título feliz de Ruy Belo), na sua dimensão filosófica, parece não ser vivido como um problema pelo homem

citadino contemporâneo, que já não vive e frui o tempo na sua intensidade e duração, consumindo-o antes em fragmentos desenraizados e nas imagens aceleradas e efémeras que lhe chegam dos *media*. A nostalgia deixa, pois, de se fazer sentir quando há a perda do sentimento e da necessidade de *habitação*.

Não assim, todavia, no mais recente livro de poesia de Vítor Oliveira Jorge. A nostalgia que atravessa estes quinze poemas concretiza-se no modo particular para que o próprio título, *Sobre Alguns Reflexos de Lágrimas Paradas a Meio do Rosto*, desde logo nos remete: a suspensão. Não estamos aqui perante uma nostalgia paralisante e absorvida em si mesma, vívida como negação do tempo presente e fixada num passado irrecuperável. Trata-se, sim, de uma insatisfação inquieta face a um presente que nega, pelas rotinas falazmente tranquilizadoras do quotidiano, o acesso a uma plenitude recordada e desejada. Uma nostalgia que busca, deste modo, a suspensão do tempo, a abertura de momentos de encantamento – na palavra poética, no corpo, no amor:

uma palavra que é uma
agulha certa
que faz soltar o músculo,
que desperta o salto equestre
do amor.

uma palavra que nos
torna cúmplices
de a termos pronunciado
para dentro do corpo
de cada outro de nós.

uma palavra que é um poder
temível
– capaz de manter à distância
todos os que nos interrompem,
ocupando-nos os dias
com futilidades. (p. 13)

Esta sequência de textos explora, de formas diversas, a suspensão como adiamento do fim, do fechamento, da finalidade, e constitui-se como espaço de abertura e liminalidade. O liminal é convocado, de um modo sempre inesperado, no próprio jogo que se estabelece entre os textos de Oliveira Jorge, as belíssimas fotografias de Danilo Pavone, e a metáfora musical que atravessa ambos. Poesia, fotografia e música: três artes de experimentar – suspendendo – o tempo, que dialogam entre si e se reflectem sobre o pano de fundo ora negro, ora branco, onde se inscreve o texto de Oliveira Jorge.

E creio que “pano de fundo” descreve bem o inusitado espaço de inscrição poética aberto por esta textualidade – uma textualidade que se assume, sem rodeios, como teatralidade e representação:

como se o texto, ao passar,
 provocasse um certo «frisson»
 na encenação. (p. 27)

Mas a teatralidade da poética de Oliveira Jorge não se limita a um assumir da dimensão de fingimento da linguagem ou à simples reflexão metapoética; o teatro revela-se, acima de tudo, na centralidade que nesta poesia assume, qual actor plenamente entregue ao seu ofício, o corpo despojado e frágil perante o olhar crítico do leitor-espectador. E, aqui, texto e imagem complementam-se, ou melhor, suplementam-se. Pela sua natureza indicial, a fotografia confere presença ao texto entendido como “tessitura” de sentido, apreendendo e fixando num momento do tempo a rugosidade corpórea e mineral que atravessa os poemas, para que o nosso olhar a possa contemplar como algo sempre novo, nunca visto. E assim, como leitores-espectadores, somos confrontados com uma liminalidade fundamental: entre o movimento e o repouso contemplativo, entre o efémero e o perene, entre a memória da palavra e a presentificação da imagem, entre a in-tensão e a ex-tensão:

fascina-me
 o facto de pousares assim
 nua na rocha, estendida.

como se te entregasses
 a um amor eterno.

a um orgasmo interminável,
 que só o granito
 e as suas figuras hieráticas
 geralmente conhecem;

como se a intensidade
 fosse compatível em nós,
 humanos,
 com a duração [...] (p. 15)

Ainda no contexto da teatralidade poética que percorre este livro, não queria terminar sem referir um poema que não passará certamente despercebido a quem conhecer Vítor Oliveira Jorge como arqueólogo – ou, talvez, como alguém para quem poesia e arqueologia não são compartimentos estanques, mas, no essencial, uma e a mesma coisa. Não se pense, todavia, que a textualidade performativa de Oliveira Jorge se fecha sobre as metáforas arqueológico-poéticas – já algo esgotadas e do domínio do lugar-comum, porque demasiado recorrentes – da escavação e da profundidade. A sua poesia-arqueologia é, diversamente, generosa e aberta ao diálogo inter- e mesmo transdisciplinar, fazendo deste habitação privilegiada. Ela convoca para o seu interior outras ciências, outros saberes, outros modos e agentes de conhecimento – designadamente a história, a astronomia, a filosofia, a antropologia, a arquitectura

– que se juntam assim ao arqueólogo-poeta “no grande terraço / da actualidade”:

o arqueólogo está imerso
na mesma luz do presente
que nos banha a todos.

e como todos os que pensam,
ele debruça a atenção
(um peculiar modo de olhar)
sobre certas coisas,
lugares, paisagens.
e procura, sob as camadas
de sentido evidentes,
ver outras subpostas.

outras humanidades,
outros métodos de acção
e de inteligibilidade.
outros modos de fabricar
objectos, espaços, mundos,
seres, pensamentos, desejos. (p. 48)

Perante tal abertura à participação generosa, o leitor-espectador não pode senão deixar-se envolver nesta encenação de palavras, materialidades, memórias, saberes e afectos – passando também ele a acreditar, contra os hábitos entorpecedores do quotidiano, que “entre o que se faz / e o que se pensa / há uma íntima conexão”.

Daniela Kato

